

**SIMONE CARDOSO DE MORAES**

**O MOVIMENTO ESTUDANTIL NA ÁREA DE BIBLIOTECONOMIA E  
GESTÃO DA INFORMAÇÃO: REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES DOS  
ALUNOS DA UFPR E DAS OUTRAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR  
DO BRASIL**

**Monografia apresentada à disciplina  
de Pesquisa de Informação II do Curso  
de Gestão da Informação, Setor de  
Ciências Humanas, Letras e Artes,  
Universidade Federal do Paraná.**

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Leilah Santiago  
Bufrem**

**CURITIBA  
2001**

M8275m

Moraes, Simone Cardoso de, 1973 –

O movimento estudantil na área de Biblioteconomia e  
Gestão da Informação: reflexões e considerações dos alunos  
da UFPR e das outras instituições de ensino superior do Brasil  
/ Simone Cardoso de Moraes. - Curitiba, 2001.  
v, 41f.

Digitado.

Trabalho de conclusão da disciplina Pesquisa em  
Informação II, do Curso de Gestão da Informação, Setor de  
Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do  
Paraná.

1. Movimento estudantil 2. Política estudantil 3. Centro  
acadêmico - reflexões e considerações. I. Título

CDD 371.81

“Vem vamos embora que esperar não é saber,  
quem sabe faz a hora não espera acontecer”

Geraldo Vandré

## RESUMO

Analisa a participação dos alunos dos cursos de Biblioteconomia e Gestão da Informação no Movimento Estudantil (ME), com ênfase nos alunos da Universidade Federal do Paraná, tendo como pano de fundo o contexto do regime militar no Brasil. Discute o significado do ME, com o objetivo de analisar o que ele representa para os alunos de Biblioteconomia e de Gestão da Informação em Instituições de Ensino Superior brasileiras. Realiza um levantamento sobre o histórico do Centro Acadêmico de Gestão da Informação e Biblioteconomia no contexto político do país. Analisa os resultados de uma pesquisa de campo para a qual aplica um questionário padrão a uma amostra de 112 estudantes para verificar o que esse movimento representa e qual a sua credibilidade para os mesmos. Descreve as características da política estudantil e sua prática, demonstrando uma representação positiva sobre o ME, assim como a crença dos estudantes no seu potencial diante das questões sociais e política do país. Os resultados indicam que o movimento representa para os estudantes a participação ativa na vida social (26%) e que a política estudantil representa a ação para modificar ou melhorar o meio onde se vive, tanto para os estudantes de outras instituições (38%), quanto para os da UFPR (51%) ou o estudo de alternativas para o desenvolvimento da sociedade, com o percentual de 48% para estudantes de outras instituições e de 34% para os da UFPR.

**Palavras-chaves:** movimento estudantil; política estudantil; prática política; centro e diretório acadêmico, universidades brasileiras, gestão da informação; biblioteconomia

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO	1 - DEMONSTRATIVO DOS CURSOS, INSTITUIÇÕES E RESPECTIVOS ÓRGÃOS ESTUDANTIS – 2001.....	23
TABELA	1 - REPRESENTAÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL PARA OS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO DE IES BRASILEIRAS – 2000-2001.....	28
TABELA	2 - REPRESENTAÇÃO DA POLÍTICA ESTUDANTIL PARA OS ALUNOS DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO NAS IES BRASILEIRAS - 2000-2001.....	29
GRÁFICO	1 - A PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES NO ME – 2000-2001.....	30
TABELA	3 - FORMA DE PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS DAS IES BRASILEIRAS NO MOVIMENTO ESTUDANTIL – 2000-2001.....	31
TABELA	4 - SIGNIFICADO DO CENTRO OU O DIRETÓRIO ACADÊMICO PARA OS ESTUDANTES DAS IES BRASILEIRAS – 2000-2001.....	32
GRÁFICO	2 - ESTUDANTES QUE JÁ FIZERAM PARTE DE GRÊMIO, CENTRO OU DIRETÓRIO ACADÊMICO – 2000-2001.....	33
GRÁFICO	3 - CREDIBILIDADE DOS ESTUDANTES NO MOVIMENTO ESTUDANTIL – 2000-2001.....	33
TABELA	5 - JUSTIFICATIVA PARA A CREDIBILIDADE NO ME – 2000-2001.....	34

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....</b>	<b>iii</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>iv</b>
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>2 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA.....</b>	<b>4</b>
<b>3 LITERATURA PERTINENTE.....</b>	<b>7</b>
3.1 CONTEXTO HISTÓRICO.....	7
3.2 O REGIME MILITAR NO INÍCIO DE 1964 ATÉ 1968.....	7
3.3 OS MOVIMENTOS CULTURAIS DURANTE O REGIME MILITAR.....	10
3.4 O CENTRO POPULAR DE CULTURA (CPC).....	12
3.5 O MOVIMENTO ESTUDANTIL: ANÁLISE DE UMA REALIDADE.....	15
3.6 O MOVIMENTO ESTUDANTIL NO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO.....	16
3.6.1 Encontro Nacional de Estudantes de Biblioteconomia e Documentação.....	17
3.6.2 Encontro Regional: oportunidade de diálogo.....	18
3.7 A CRÍTICA AO MOVIMENTO ESTUDANTIL.....	18
<b>4 A HISTÓRIA DO CENTRO ACADÊMICO DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA.....</b>	<b>21</b>
<b>5 O MOVIMENTO ESTUDANTIL ENTRE OS DISCENTES DOS CURSOS DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO.....</b>	<b>23</b>
<b>6 O MOVIMENTO ESTUDANTIL NAS REPRESENTAÇÕES DISCENTES</b>	<b>27</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>41</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>43</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A crença na capacidade de mobilização e transformação dos jovens, especialmente dos estudantes de qualquer grau de ensino, faz parte da literatura e do cotidiano das pessoas.

O que se costuma denominar movimento estudantil (ME) tem sido considerado o conjunto das expressões dos estudantes em relação aos acontecimentos sócio-políticos que se desencadeiam no contexto em que atuam. No Brasil, manifesta-se entre os discentes de primeiro, segundo e terceiro graus.

Na obra *A relevância dos valores no ensino superior*, HESBURGH manifesta a convicção de que “... os jovens podem e devem contribuir com a perene tarefa que o homem tem de refazer o mundo, principalmente por constituírem eles uma das metades do mundo que deve ser refeita” (1979, p. 114). Sua crença na força desse segmento coincide com outros manifestos que, de certa forma, expressam os anseios da sociedade pelas transformações que a encaminham a formas mais justas de organização.

Esta pesquisa procura enfocar a participação política dos acadêmicos universitários no Brasil, com um recorte específico nos cursos de Biblioteconomia e de Gestão da Informação da Universidade Federal do Paraná, questionando se há realmente mobilização desses estudantes relativamente à prática política.

A importância do estudo está voltada também para a necessidade de resgatar momentos históricos do movimento de estudantes da área de Biblioteconomia e Gestão da Informação, com a intenção de compreender suas atividades neste contexto.

Com isso, pretende-se apontar para a participação ativa como fator de desenvolvimento da consciência crítica do estudante.

Este levantamento histórico procura obter informações sobre o movimento estudantil, continuação do esforço de muitos alunos, hoje anônimos ou esquecidos, e que, se valorizado, poderá contribuir para o desenvolvimento da consciência crítica e conseqüente ânimo de participação nas decisões coletivas. Acredita-se que essas formas de mobilização fazem parte também do aprendizado que os estudantes estão tendo nas instituições de ensino ou em

outras atividades como estágios e trabalhos voluntários. Essas realizações podem provocar o sentimento de solidariedade que preside os anseios e preocupações da juventude.

Na palestra “A importância do movimento estudantil, na vida profissional”, proferida por BUFREM no III Encontro Regional de Estudantes de Biblioteconomia e Documentação (EREBD - Sul), ocorrido em Curitiba - PR, em dezembro de 1998, foi apresentado um recorte representativo do que significava o movimento estudantil para o corpo discente dos cursos de Biblioteconomia e Gestão da Informação. Discutiram-se os resultados da pesquisa, que demonstram participação discente muito pouco significativa, além da percepção de que são sempre os mesmos alunos aqueles envolvidos com a política estudantil.

Na imprensa periódica, os estudantes brasileiros têm sido acusados, por uma parcela da sociedade, de alienados, pouco participativos e distantes das questões mais importantes do ponto de vista político. Nesse sentido, o juiz do Tribunal de Alçada Criminal (São Paulo) LAGRASTA NETTO (2000) critica os estudantes, acusando de “jamais se movimentarem para tratar da miséria da população, da corrupção política ou da ignomínia do mínimo”.

Para ilustrar as contradições expressas na crítica à atitude dos estudantes, foram selecionados alguns trechos desse discurso. Como expressa o artigo de Barbara GANCIA (2000), ao referir-se aos movimentos estudantis durante os dias que antecederam o *Impeachment* do prefeito Celso Pitta, eles foram duramente criticados pela população, o que demonstra que, se por um lado, acredita-se na mobilização dos jovens, por outro, uma parcela da sociedade revolta-se com as suas manifestações, acusando-as de baderneiras e anacrônicas.

Diante dessas contradições, pergunta-se qual seria a posição dos estudantes sobre a sua própria mobilização. Questiona-se também se eles teriam consciência sobre o seu potencial de apoio à população do país.

Desse modo, faz-se necessário resgatar, para melhor conhecer, as formas de participação estudantil enquanto movimentos sociais, especialmente entre os alunos dos cursos de Biblioteconomia e de Gestão da Informação das instituições de ensino superior brasileiras (IESs), assim como analisar o que para eles representa esse movimento.



O propósito do trabalho consiste, portanto, em recuperar e analisar a participação e a manifestação dos estudantes da área de Biblioteconomia e Gestão da Informação, com ênfase nos alunos da Universidade Federal do Paraná (UFPR), tendo como pano de fundo o contexto sócio-político em que se desenvolveram os diretórios e centros acadêmicos.

Para atingir o objetivo geral, procurou-se:

- analisar o que representa o movimento estudantil para os alunos de Biblioteconomia e de Gestão da Informação em IESs brasileiras;
- refletir sobre o que significa a política estudantil para esses estudantes;
- descrever características da prática política dos acadêmicos que já participaram do movimento;
- reconhecer a existência ou não de credibilidade desse movimento entre os alunos de Biblioteconomia e de Gestão da Informação em IESs brasileiras.

## 2 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

A certeza de que o movimento estudantil não é representado apenas pelos centros e diretórios estudantis instituídos indica a impossibilidade de tratar o tema de forma mais extensa. Portanto, foram abordados apenas os grupos institucionais relativos aos cursos de Biblioteconomia e de Gestão da Informação, com enfoque para a evolução, na UFPR, do que hoje se denomina Centro Acadêmico de Gestão da Informação e Biblioteconomia / CAGIB.

A primeira fase da pesquisa compreendeu um levantamento bibliográfico e documental com o objetivo de identificar e analisar informações sobre o movimento estudantil, sua origem específica relacionada à área de Biblioteconomia, seu conceito na sociedade, as peculiaridades que afetaram a atuação dos acadêmicos envolvidos nesse movimento na época da ditadura e questões correlatas que foram sendo incorporadas às preocupações do estudo. Simultaneamente, foi realizado um levantamento documental em sítios da Internet, sobre as escolas de Biblioteconomia e de Gestão da Informação, assim como sobre os respectivos centros e diretórios acadêmicos desses cursos. Assim, foi possível identificar os cursos existentes e tomar conhecimento dos centros e diretórios acadêmicos para coletar dados sobre sua existência e atuação.

Foi realizada uma pesquisa de campo para conhecer a percepção dos estudantes da área sobre seu próprio movimento. Com os dados obtidos, procurou-se atingir os objetivos da pesquisa, relacionados ao significado da política no meio acadêmico e à concepção dos alunos relativas ao seu potencial de atuação na sociedade, especialmente para discutir o que representa o movimento estudantil entre eles e descrever as características da prática política dos acadêmicos que já participaram ou estão participando do movimento.

O universo de 30 escolas é representado por um cálculo aproximado de 5.600 alunos da área de Biblioteconomia e Gestão da Informação, com base nos dados das escolas (Fonte ABEED e CRB8). Na Universidade Federal do Paraná (UFPR), o Curso de Biblioteconomia conta com 14 alunos matriculados e o de Gestão da Informação, com 192, totalizando, portanto, 206 alunos.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário (ANEXO 1) com perguntas fechadas e abertas. Foi realizado um pré-teste com dez (10) estudantes de Biblioteconomia e de Gestão da Informação da UFPR.

Com a primeira pergunta, sobre “o que o movimento estudantil representa”, procura-se ter uma visão dos estudantes em relação à representação do movimento, dada a ampla variedade de expressões sobre o tema encontradas na literatura.

A segunda pergunta, “o que a política estudantil representa para você?”, indica a preocupação com a efetiva participação política dentro do movimento estudantil.

Quanto à terceira pergunta, procura-se saber se o estudante já participa ou não do ME. Ela tem sua complementada pela questão quatro que elucida o modo de participação do acadêmico, conforme sua concepção sobre a participação, se em centro ou diretório, assembleia, Diretório Central de Estudantes e/ou eleições, entre outras modalidades descritas.

Com a questão sobre o significado do centro ou diretório acadêmico, pretende-se analisar a representação institucional do movimento entre os alunos.

A sexta questão refere-se à participação efetiva do estudante nas entidades associativas.

Quanto à sétima pergunta, pretende-se identificar a crença dos alunos no movimento e as motivações para se comprovar ou não essa credibilidade. Como pergunta aberta, pretende-se analisar outras visões, políticas ou não, que favoreçam o sentido crítico da atuação estudantil na sociedade.

A primeira distribuição dos questionários foi feita no Encontro Nacional de Estudantes de Biblioteconomia e Documentação/ENEBD que aconteceu no final do mês de julho de 2000, em Brasília. No Encontro, os questionários foram colocados nas pastas distribuídas para os inscritos, juntamente com uma carta de agradecimento (ANEXO 2). Depois de respondidos, foram deixados na Secretaria do evento, para serem recolhidos pela pesquisadora.

Como no Encontro houve um retorno pouco expressivo de questionários respondidos, foram reforçados os pedidos por *e-mail* a estudantes de outras universidades, para tornar a amostra mais significativa.

A outra aplicação foi feita especificamente com os alunos da UFPR dos cursos de Biblioteconomia e de Gestão da Informação, na própria UFPR.

Nesta Universidade, foram distribuídos cento e quinze (115) questionários a todos os alunos dos cursos de Biblioteconomia, que somam quatorze (14) e aos cento e noventa e dois (192) alunos de Gestão da Informação. Na tentativa de obter uma parcela significativa para análise foi aguardado um retorno de setenta e três (73) questionários respondidos, tendo fixado como data limite o dia 16 de maio de 2001.

No ENEBD obteve-se o retorno de dezesseis (16) questionários dos cento e oitenta (180) distribuídos. Por *e-mail* retornaram mais vinte e três (23) dos trinta e cinco (35) enviados, totalizando trinta e nove (39) questionários das outras instituições. Somando-se os questionários dos alunos da UFPR, cujo retorno foi de setenta e três (73) dos cento e quinze (115) que foram distribuídos, com os respondidos pelos estudantes de outras instituições (39), obtiveram-se 112 questionários. Para eliminar desvios de análise referentes a pouca representatividade do grupo de alunos de outras IES, decidiu-se pela análise em separado dos dois grupos o que permitiu sua comparação.

Os dados, organizados para que se pudesse configurar um panorama qualitativo do movimento estudantil, foram analisados e interpretados, tendo como pano de fundo o contexto histórico e como referencial teórico os resultados da pesquisa em livros, periódicos e outros documentos representativos.

### 3 LITERATURA PERTINENTE

A literatura pertinente foi estruturada a partir de fontes primárias em língua portuguesa relacionadas aos movimentos estudantis (ME), fatos e eventos marcantes para o mesmo, ocorridos durante o período de ditadura militar, críticas que a população faz diante dos manifestos estudantis, numa tentativa de analisar o conceito do que vem a ser o ME, de modo especial para os estudantes dos cursos de Biblioteconomia e de Gestão da Informação.

#### 3.1 O CONTEXTO HISTÓRICO

Neste capítulo pretende-se, com auxílio de fontes históricas, situar o ME no contexto sócio-político do regime militar que iniciou em 1964, no Brasil, época em que foi afetado fortemente pelas forças repressivas.

Evidenciou-se essa influência representada especialmente sobre aqueles centros ou diretórios acadêmicos recém-criados, como foi o caso do Centro Acadêmico de Biblioteconomia do Paraná.

#### 3.2 O REGIME MILITAR NO INICIO DE 1964 ATÉ 1968

O golpe militar de 1964 teve apoio das camadas dominantes e de setores da classe média, de modo especial contra o movimento dos trabalhadores sindicalizados. Estes ampliaram sua capacidade de mobilização, amparados no conjunto de leis do governo Getúlio Vargas, em prol da consolidação da legislação trabalhista que integrou socialmente a classe operária brasileira, dando-lhe garantia e proteção. Esse contexto favorecia o fortalecimento da estrutura sindical, culminando com a criação de uma central com o nome de Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), iniciativa recebida pelos setores conservadores de direita como uma iminência da revolução comunista no Brasil (VALLE, 1999, p. 35).

Era um período de inflação, e os trabalhadores conseguiram um reajuste salarial equivalente ao aumento do custo de vida, enquanto nos campos eram criadas as ligas camponesas, causando pânico entre os fazendeiros conservadores, dispostos a tudo para impedir a Reforma Agrária.

Com o Ato Institucional de abril de 1964, tiveram início os Inquéritos Policiais Militares (IPMs), com a justificativa de destruir o populismo e, conseqüentemente, interromper a ascensão política das classes trabalhadoras.

Os estudantes, na sua maioria da classe média, viram-se divididos no momento do golpe. MARTINS FILHO citado por VALLE (1999, p. 77), analisa as propostas defendidas pela liderança e a “massa” estudantil: enquanto a União Nacional dos Estudantes (UNE) convocava uma greve geral para impedir o golpe, as bases estudantis aproximaram-se das posições políticas de sua camada de origem, em apoio ao golpe Formaram-se dois blocos: a classe média constituía o bloco em defesa de uma posição liberal – elitista. E a massa formava o bloco popular representado pela vanguarda estudantil (VALLE, 1999, p. 36).

No dia do golpe militar, a UNE foi incendiada e destruída, e os estudantes passaram a ser alvo da repressão. As instituições sofreram intervenções: a Universidade de Brasília (UnB) foi vítima da primeira invasão, acompanhada de prisão indiscriminada dos alunos e professores considerados “subversivos”. Os Inquéritos Policiais Militares (IPMs) controlavam o meio estudantil e a universidade nessa época.

O governo, na tentativa de acabar com a “subversão” identificada no meio estudantil, adotou medidas duradouras como a conhecida Lei Suplicy<sup>1</sup> que se origina de um projeto elaborado pelo então ministro da Educação Flávio Suplicy de Lacerda, tornando-se referência central para todos os autores que trabalham com repressão militar ao movimento estudantil que extinguiu a UNE e as Unões Estaduais dos Estudantes (UEEs), a partir de então substituídas pelas organizações diretamente subordinadas ao estado. (VALLE, 1999).

Em julho de 1965, a UNE realizou seu último congresso legal. A partir e então, inicia suas atividades clandestinas, tornando-se território exclusivo das correntes de esquerda, caindo por terra o período de predomínio das perspectivas do liberalismo antipopular para o movimento estudantil.

<sup>1</sup> Esta lei previa a transformação dos antigos Centros Acadêmicos em Diretórios Acadêmicos, totalmente subordinados às direções das faculdades, o que tornava obrigatória a votação dos alunos nas eleições dos DAs e CAs. Por meio desta lei os políticos envolvidos no golpe militar passaram a ter controle dos estudantes contra o governo.

Continuando o avanço de repressão geral em 1966, e com o Ato Institucional (AI-3)<sup>2</sup> editado em fevereiro, o movimento estudantil foi diretamente atingido e a UNE ficou proibida de funcionar como associação civil, uma proibição que se tornou extensiva para todas as entidades estudantis.

Em 1967, assumiu a Presidência da República o Marechal Costa e Silva, fazendo promessas de "redemocratização". Criou o Fundo Nacional do Índio (FUNAI) e o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), definiu a liberalização do sistema político-partidário e até iniciou um "diálogo" com os trabalhadores e estudantes, voltando à cena as discussões políticas sobre a crise da universidade brasileira e os protestos dos "excedentes", aqueles que foram aprovados no vestibular e não conseguiram vaga no ensino superior. Com isso, os estudantes solidários aos movimentos de protestos promoveram greves e manifestações, reivindicando mais quantidade de vagas nas universidades. Como reação à posição dos estudantes, as medidas governamentais tornaram-se mais repressivas, desgastando a relação entre o ME e o governo Costa e Silva (VALLE, 1999, p. 38).

O ano de 1968 iniciou-se em grande descompasso entre o governo do Marechal Costa e Silva e a sociedade civil. As forças armadas anunciaram a disposição de permanecer em função de "ordenar" a vida nacional tendo em mãos o comando das decisões políticas. O Marechal Costa e Silva passou a ser condicionado à pressão das Forças Armadas, criando a política de Segurança Nacional. Com isso, iniciou-se o controle e a fiscalização da ação do governo em todos os setores administrativos (VALLE, 1999, p. 40).

Como os estudantes tornaram-se um dos setores mais tensos das relações civis, passaram a ser tratados no âmbito de segurança. Foi quando o governo Costa e Silva assinou um decreto criando uma comissão especial para a formulação de uma nova política governamental para os estudantes, a Secretaria Geral do Conselho de Segurança.

Os estudantes não esmoreceram e continuaram suas manifestações por melhores condições de higiene nos locais de atividades acadêmicas, além da permanência das reivindicações dos "excedentes" nas ruas do centro do Rio de Janeiro, onde foram reprimidos a tiro pela polícia (BUFREM, 1998).

2 Pelo Ato Institucional (AI-3), as eleições para governadores dos estados são tornadas indiretas e é decretada a nomeação de prefeitos nas capitais.

Em março de 1968, inicia-se o debate relativo às eleições de 1970. Correm novamente informações a respeito da possibilidade da edição de um novo Ato Institucional confirmando as pressões exercidas pelas Forças Armadas para o avanço da militarização. No dia 28 de março foi assassinado o estudante Edson Luís, durante o choque entre a Polícia Militar e os estudantes no Restaurante Calabouço<sup>3</sup>. Dessa vez, as manifestações eram contra o aumento do preço das refeições. Os ânimos se acirraram novamente e as condições de instabilidade eram perceptíveis nos meios acadêmicos.

### 3.3 OS MOVIMENTOS CULTURAIS DURANTE O REGIME MILITAR

Os movimentos estudantis não se limitavam às passeatas, congressos e assembléias. Também se concretizavam em manifestações culturais como no teatro, na música e nas artes plásticas entre outras formas de expressões artísticas, organizado-se politicamente em torno de idéias revolucionárias para responder as questões sociais uma vez que o “movimento civil e militar vinha interromper o processo de democratização política e social, marcado pela mobilização popular em busca das reformas de base, que permitiriam melhor distribuição da riqueza e de direitos” (RIDENTI, 2000, p. 1).

O golpe militar de 1964 deu fim às crescentes reivindicações, cuja politização ameaçava a ordem estabelecida que acompanhava o florescimento cultural. A repressão praticamente dizimou os setores combativos do sindicalismo e de outros movimentos populares, atingindo também as lideranças do movimento estudantil e setores intelectualizados. Embora o discurso moderado dos golpistas fizesse com que essas classes fossem tratadas de forma menos severa, a censura seria rígida quando chegasse dezembro de 1968, com o Ato Institucional n.º 5 (AI-5) (RIDENTI, 2000, p. 2).

Havia, nesse momento, uma tendência à radicalização dentro do movimento estudantil, especialmente devido às organizações políticas que atuavam no contexto político da época como a Ação Popular, a Política Operária (*POLOP*) e a chamada "Dissidência" do Partido Comunista Brasileiro (PCB) (CUNHA, 1988, p. 31).

3 Calabouço por ironia pois ali, antigamente, funcionava uma prisão.



Preconizava-se uma Aliança Operário-Camponesa-Estudantil e esperava-se um estopim para que o ME passasse da radicalização das palavras à dos atos. Dois fatos contribuíram para essa mudança: a morte do estudante Edson Luis de Lima Souto, assassinado no Restaurante Calabouço, em março de 1968, e a rebelião dos estudantes europeus que, independente de condição política/ideológica, uniram-se na condenação ao Sistema. Entretanto, no Brasil, esta sintonia custou caro. Aliás, pouco tempo antes da decretação do AI 5, em dezembro de 1968, o movimento estudantil tinha sido completamente desbaratado, quando da tentativa de realização do XXX Congresso, em Ibiúna, interior de São Paulo, com o saldo de 900 estudantes presos (PRIMEIRA PAGINA, 1968, p.112).

Antes da decretação do Ato Institucional, em maio de 1968, Caetano Veloso, conhecido como Caê, foi impedido de participar da I Bienal do Samba organizada pela TV Record, porque ele usava como seu instrumento uma guitarra.

Em setembro do mesmo ano, Caê apresentou uma música de título, no mínimo, sugestivo: "É Proibido Proibir". Ele subiu no palco vestindo uma roupa de plástico e acompanhado pelas guitarras dos Mutantes. A música era uma homenagem ao movimento estudantil francês que quase tirou De Gaulle do posto em maio daquele ano. "É Proibido Proibir" descrevia em forma de colagem as pichações dos muros das universidades de Paris. No festival, quem quase foi tirado do posto foi Caetano. Os estudantes que assistiam à apresentação não paravam de vaiar e a única saída para Caê foi fazer um discurso inflamado: *"Mas é isso que é a juventude que diz que quer tomar o poder? Vocês não estão entendendo nada! Nada! Vocês querem policiar a música brasileira! Se vocês forem em política como são em estética, estamos feitos!"* (MÚSICA, 2001).

Sabe-se que os artistas na década de 70 sofreram muito com a censura. Muitos foram exilados e outros torturados por desenvolverem uma consciência política e tentarem favorecer o desenvolvimento da crítica entre a população. Essa posição política acabou em 1978, no final do governo Geisel. Em 1979 veio a anistia e em 1980 houve a reforma partidária, isso já no governo Figueiredo.

Analisando as informações obtidas sobre esse tipo de mobilização, nota-se que o ME sempre manteve essa força de expressão, manifesta não somente em suas atividades políticas mas, também, em concretizações culturais, especialmente contra o autoritarismo e suas formas de injustiça social.

### 3.4 O CENTRO POPULAR DE CULTURA (CPC)

O Centro Popular de Cultura da UNE foi um grupo composto por artistas, estudantes, universitários e intelectuais. Pretendia a “Conscientização em massa”, utilizando a arte em suas diversas formas.

Atuou de dezembro de 1961 a abril de 1964, publicando várias revistas, dezenas de livros, produzindo dois discos, um documentário e um filme de longa metragem, além de vários festivais de cultura popular e de MPB. Porém, o CPC fez sobretudo teatro. Criou e produziu dezenas de peças, montadas em poucas horas ou em várias semanas.

As representações ocorriam em sindicatos, assembléias estudantis, em comícios políticos, na rua, onde se reunissem espectadores, enfim. Suas peças colocavam em cena a realidade brasileira, na figura do povo.

Em fins de 1960, saídos do Teatro de Arena, Oduvaldo Vianna Filho (Vianinha) e Chico de Assis decidem montar um espetáculo. Com Carlos Estevam Martins, professor de sociologia, os diretores redigiram e montaram “A Mais - Valia Vai Acabar, Seu Edigar”, que foi representada por mais de seis meses com êxito na Faculdade de Arquitetura na Urca (RJ).

Esse mesmo grupo, depois de organizar um curso de Filosofia na UNE e após o sucesso de seu trabalho de teatro, pediu a essa organização um local para trabalhar o primeiro CPC.

Oficialmente o CPC foi construído em oito de março de 1962, com o Regimento Interno do Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes, documento que estipula que o CPC seria independente da UNE, autônomo econômica e administrativamente. Embora a UNE lhe cedesse locais e pagasse os custos de produção de alguns dos espetáculos.

Com a divisão da UNE em várias tendências políticas, passou a haver uma certa disputa para conquista do CPC, que para ter sua independência

assegurada, teve que mostrar uma organização formal bem definida, passando a operar como empresa prestadora de serviços. Com o trabalho, principalmente de colaboradores e entusiastas, o CPC construiu uma obra considerável. Houve a primeira UNE-Volante, com temporada em todas as capitais do Brasil, em 1962, com o objetivo de levar as propostas e realizações da entidade estudantil a todo país, sendo o CPC responsável pela realização artística.

O resultado pode ser avaliado em um texto anônimo: “nessa viagem pelo país inteiro, o CPC disseminou suas idéias acerca das questões culturais e artísticas do momento, distribuiu textos de peças e autos – que constituem material do repertório do CPC da UNE – e também os primeiros poemas de cordel editados pela entidade. Vários grupos de cultura popular, que crescem e se desenvolvem, autônomos e independentes, têm suas origens ligadas à primeira UNE-Volante.” (O que é o CPC da UNE, p. 6, p. 33).

Percebe-se do exposto que o CPC produziu “vários CPCs” em todo o país. Quanto à representação, a evolução do grupo foi se construindo na experiência e contribuição dos participantes, como no depoimento de Carlos Estevam MARTINS, membro do grupo e co-autor de vários textos: “Havia falta de espaço para a criação artística propriamente dita e a tendência era, cada vez mais, baixar o nível, e eu lutei para que se baixasse cada vez mais o nível – não do conteúdo, mas da forma.”(1980, p. 32) É importante sublinhar que esse conflito interno percorreu a história do CPC. As pessoas faziam parte do CPC porque eram artistas ou porque queriam fazer uma carreira artística, e entraram na aventura do CPC porque achavam possível ser artista e ao mesmo tempo, fazer arte para o povo. Quer dizer: ou se fazia pedagogia política, usando a arte para produzir conscientização política, ou então nada feito, voltava-se para o teatro de elite. Não havia exigências em termo de criação estética, e para a filosofia dominante do CPC: a forma não interessava, enquanto expressão do artista. O que interessava era o conteúdo e a forma servia apenas enquanto comunicação com o público. “Foi daí que surgiu esta concepção do CPC de que deveríamos usar as formas populares e fechar estas formas com o melhor conteúdo ideológico possível” (BOAL, 2000, p. 61)

Com base nesse depoimento, percebe-se que os objetivos do CPC se norteiam pela arte como mero veículo com poder de convencimento e persuasão. A arte é considerada um instrumento cultural para luta política.

Essa concepção muda com a troca da direção do CPC, em dezembro de 1962, de Carlos Estevam Martins para Carlos Diegues e depois Ferreira Gullar.

Para estes, as classes dominadas, produtoras da arte popular, reproduziam elementos de sua dominação, permanecendo passivas em relação aos seus opressores. A arte revolucionária teria como tarefa um discurso novo, uma nova linguagem, sem os valores da sociedade opressora.

De qualquer forma, em resumo, essas duas posições (a nova direção e a anterior) desejavam uma arte com maior poder de mudar a sociedade. Queriam um povo desalienado, pois ambos ainda viam o povo num papel passivo, não sendo até então, agente de sua própria transformação. Daí a dificuldade do objetivo desta arte: se o público se envolve com o trabalho teatral, não há garantia de que as pessoas se tornem, a partir disso, artistas políticos.

A contradição portanto se estampava. Enquanto as apresentações eram grande sucesso entre universitários, tornava-se um fiasco em sindicatos e favelas, o que evoca a famosa frase de Joãozinho Trinta: “quem gosta de pobreza é intelectual”.

Em outros termos, o desejo de transformar o povo em “Classe Revolucionária” não se realizou. A falta de meios, de tempo, de ligação com sindicatos e partidos como PCB foram elementos que dificultaram um melhor aproveitamento e aprofundamento dos objetivos para atingir o fim proposto pelo grupo.

Mas, como as maiores dificuldades nesse processo destacam-se as características da sociedade brasileira, desigual e segmentaria. Com camadas extremamente distanciadas e diferenças regionais, econômicas e culturais tão significativas, o distanciamento entre a produção cultural e o seu uso dificultou.

O povo, composto de camponeses, operários, desempregados, favelados, os desfavorecidos enfim, convivia no sistema em que os componentes do CPC, como classe média, eram os mais favorecidos. A sociedade, representada pelos estudantes, que se direcionava às camadas mais desfavorecidas economicamente, com o objetivo de educá-las e

emancipá-las, acabava contraditoriamente por repetir arquétipos de hierarquia, domínio e opressão da sociedade que exatamente estava combatendo.

Nesse sentido, pode-se afirmar que os estudantes reproduziam a situação das classes que originava os conflitos.

### 3.5 O MOVIMENTO ESTUDANTIL: ANÁLISE DE UMA REALIDADE

O Movimento Estudantil nada mais é do que um dos muitos movimentos sociais existentes na vida política para melhoria da nossa sociedade, mostrando forte caráter de espontaneidade. Origina-se quase sempre de problemas locais e em função de interesses imediatos, visando preservar o sentimento formador da solidariedade orgânica dos grupos. É um sentimento quase intuitivo que alguns setores ou atividades poderiam representar ou mediar para pronunciar ou articular os anseios e as solicitações da sociedade. (KAUCHAKJE, acesso em 2001).

A sociedade, representada nesses movimentos, encontra sua própria forma de colocar suas aspirações e protestos, falando por si mesma através da comunicação e cooperação entre os indivíduos, que se unem com propósito ou interesse coletivos.

O movimento estudantil não se caracteriza apenas enquanto envolvimento com problemas estudantis, é também uma das formas de protesto para a melhoria da sociedade. É um movimento onde estudantes de primeiro, segundo e terceiro graus têm a oportunidade de se envolver com o povo para solucionar questões de educação, moradia, reforma agrária e saúde, entre outras. No Brasil, os estudantes vêm se envolvendo com os problemas gerais do país. (CAECO, acesso em 2001).

O movimento estudantil não é apenas um grupo de adolescentes ou de revolucionários, é um conjunto de pessoas que estão lutando por justiça, por um mundo melhor, enfim, por uma sociedade mais humana. Os movimentos estudantis, portanto, são sempre movimentos políticos pois priorizam, graças ao altruísmo e ao caráter coletivo que os caracterizam, o bem comum.

Uma realidade do ME é que os estudantes e ativistas estão repudiando os tipos de movimento político partidário e buscam na autonomia uma forma mais efetiva de ação (FOLHATEEN, 2001, p. 6).

Esse repúdio ocorre porque as entidades estudantis estão sofrendo uma crise de representatividade. Há críticas que denunciam a influência de partidos políticos de esquerda. Outros afirmam que suas lideranças estão mais preocupadas em fazer as carteirinhas de meia-entrada do que com questões políticas.(FOLHATEEN, 2001, p. 6).

Alguns estudantes afirmam não se envolverem com as entidades estudantis porque acreditam que elas geram um vício de pensamento e que os protestos devem ser feitos no momento em que realmente forem considerados importantes.

Essa corrente de pensamento está fazendo surgirem movimentos autônomos que propõem formas alternativas de organização. São pessoas que se unem para combater inimigos comuns que são unidos e muito bem organizados como o FMI (Fundo Monetário Internacional), a OMC (Organização Mundial do Comercio), o Banco Mundial e a própria globalização (FOLHATEEN, 2001, p. 7).

Acredita-se que na cidade de São Paulo existam hoje mais de quinze (15) grupos independentes e todos lutando contra o organismo internacional. Pregam a formação de grupos autônomos, antiburocráticos, apartidários e horizontalizados, acreditando que esses movimentos são muito mais legítimos que aqueles liderados por partidos ou entidades estudantis (FOLHATEEN, 2001, p. 7).

### 3.6 O MOVIMENTO ESTUDANTIL NOS CURSOS DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO

No Curso de Biblioteconomia e Gestão da Informação também existem estudantes que se mobilizam para protestar contra as injustiças do país, além de discutirem e proporem ações para resolver problemas do corpo discente diante das dificuldades que normalmente ocorrem durante o período de Curso.

O corpo discente das instituições de ensino superior brasileira, como ocorre na maioria dos outros países, organiza-se em grêmios, centros ou diretórios acadêmicos vinculados aos cursos que acompanham. Assim organizados, procuram resolver problemas da universidade, de reforma agrária,

das privatizações dos setores públicos, entre outras medidas impostas pelo governo ou pelas questões contextuais que determinam prejuízos à população.

### 3.6.1. Encontro Nacional de Estudantes de Biblioteconomia e Documentação

Os estudantes de Biblioteconomia deram início ao movimento estudantil nacional na área com o primeiro Encontro Nacional de Estudantes de Biblioteconomia e Documentação - ENEBD - no ano de 1965 em São Paulo, quando conseguiram reunir aproximadamente cinquenta (50) estudantes, no início do período militar.

No ano de 1972, estes estudantes sentiram a necessidade de uma reorganização, e não consideraram as discussões ocorridas no primeiro encontro em 1965 como oficiais em virtude do baixo número de participantes. O registro quantitativo de participação nos encontros de estudantes começou realmente a partir de 1972, quando foi realizado o segundo encontro na cidade de São Carlos - SP.

Esse evento estudantil na área de Biblioteconomia, além de promover uma integração cultural, política e acadêmica, visa [proceder a](#) uma avaliação crítica do curso frente ao mercado de trabalho e também incentivar uma proveitosa discussão acerca da realidade sócio-econômica brasileira. A programação dos ENEBD's inclui palestras, mesas redondas, minicursos, grupos de estudos, apresentação de trabalhos discentes, painéis expositivos, visitas técnicas e turísticas, bem como atividades de lazer, entre outras.

O ENEBD é um encontro democrático do qual podem participar estudantes e profissionais da área de biblioteconomia e de outras áreas do conhecimento humano. É promovido pelos estudantes que fazem parte da Comissão Executiva, composta por dois representantes de cada escola de Biblioteconomia, os quais têm contribuído para as atividades do encontro com o conhecimento sobre o que acontece nas suas instituições, o que vem a ser discutido em reuniões de grupos de estudos.

Atualmente, o estatuto que rege os encontros está sendo reformulado para que outros cursos, embora com outros nomes, tais como Ciência e Gestão da Informação, dirijam-se às questões relacionadas à informação e também possam participar das discussões.

### 3.6.2 Encontro Regional: oportunidade de diálogo

Os Encontros Regionais dos Estudantes de Biblioteconomia e Documentação (EREBD's) favorecem a reunião de acadêmicos desses cursos que vivem na mesma região geográfica do país.

O EREBD's da Região Sul envolve os cursos de Biblioteconomia das universidades de Santa Catarina: Universidade para o Desenvolvimento de Santa Catarina (UDESC<sup>4</sup>) e Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Paraná: Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Universidade Federal do Paraná (UFPR<sup>5</sup>) e no Rio Grande do Sul: Fundação Universidade de Rio Grande (FURG) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O encontro regional tem por objetivo discutir problemas desses cursos e dessas áreas abrangendo a região que nesse caso é o sul do país, o que facilita a presença dos representantes estudantis dos estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná. Além disso, as questões e aspectos comuns ao contexto regional favorecem deliberações e ações, assim como encaminhamento de propostas para o panorama nacional do Encontro Nacional de Estudantes de Biblioteconomia e Documentação - ENEBD.

O EREBD acontece a cada dois anos. O 1º EREBD/Sul aconteceu em Florianópolis, em 1995, sendo um grande sucesso, o segundo ocorreu em Rio Grande (RS), onde foi discutida a mudança de curso da Universidade Federal do Paraná e o terceiro encontro aconteceu em Curitiba, na UFPR, sendo organizado pelos alunos de Gestão da Informação e cujo o tema, a participação estudantil, foi uma das motivações para a realização desse trabalho.

### 3.7 CRÍTICA AO MOVIMENTO ESTUDANTIL

Se, por um lado, a crítica ao movimento estudantil é uma forma de estímulo às manifestações políticas, por outro, alguns conservadores adotam uma posição contrária ao que tem sido considerada uma atitude anarquista ou baderneira.

<sup>4</sup> O curso de Biblioteconomia na UDESC foi reformulado e passou a se chamar "Biblioteconomia – Gestão da informação".

<sup>5</sup> Atualmente a UFPR não oferece mais o curso de Biblioteconomia, apenas o de Gestão da Informação.



Segundo Fernando Henrique CARDOSO, citado por VALLE (1999, p. 19), “a sociedade brasileira exige um basta a esse clima de baderna. A sociedade não quer a desordem”. Nessa afirmação, o Excelentíssimo Senhor Presidente da República mostra o procedimento da sociedade, evidente nas manifestações das classes médias contra o movimento estudantil.

Embora poucos, os estudantes envolvidos nesse movimento não aceitam o conformismo da população e estão se mobilizando para reverter a situação.

Isso vai requerer um retorno ao chamado espírito de solidariedade, destacado por FURTADO, citado por VANNUCHI e CARUSO (2000, p. 72): “Quanto mais gente aderir a manifestações e greves, mais consistência terá o movimento. E, se as pessoas envolvidas forem de outros setores e não só os diretamente atingidos, melhor”. É esse espírito que sustenta o Movimento Estudantil, desde suas primeiras manifestações, até acontecimentos recentes, entre os quais por exemplo o ocorrido no dia 18 de maio de 2000, na capital paulista, onde cerca de cinco mil servidores públicos estaduais de várias categorias e estudantes pararam a Avenida Paulista durante algumas horas, dando início à temporada de protestos nas ruas de São Paulo (ISTO É, 2000, p. 41).

Outro especialista, o psicólogo Contardo CALLIGARIS, também citado por VANNUCHI e CARUSO (2000, p. 72), deixa claro que “a falta de uma posição política comum não é transformada por cima, a partir de uma doutrina, ela só pode ser mudada aos pedaços, ou seja, por meio de pequenos gestos”.

Um desses pequenos gestos é o de Eugênia, estudante da UFRJ, que participa de reuniões do Partido Comunista Brasileiro contra as injustiças visíveis na luta de classes e de Thiago Leão, estudante de segundo grau, que ajuda crianças de uma creche das vilas pobres e violentas da cidade de Porto Alegre. Essas formas diferenciadas de atuação fazem parte do movimento estudantil e representam o sentimento de solidariedade e a busca social, características dos jovens que ainda batalham por ideais (VANNUCHI; CARUSO, 2000, p. 72).

Vale ressaltar que, superando formas de crítica injustas ou inadequadas, o ME destaca-se no cenário político pela sua capacidade de luta e pelo despreendimento de suas manifestações. Resta alertar, entretanto, que o

espírito crítico presente em seu processo seja acompanhado da necessidade crítica, para que as oportunidades de transformação da realidade não sejam perdidas.

#### **4 A HISTÓRIA DO CENTRO ACADÊMICO DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA<sup>6</sup>**

O curso de Biblioteconomia na Universidade do Paraná, assim então designada a Universidade Federal do Paraná, foi inaugurado em 1952. Em abril de 1961 foi fundado o Diretório Acadêmico de Biblioteconomia do Paraná, tendo sido sua diretoria eleita por aclamação, logo em seguida aprovando o seu primeiro estatuto. Essa foi uma das poucas fases em que realmente houve participação política dos estudantes desse curso.

Em 1965 foi modificado o Diretório Acadêmico para “Centro Acadêmico de Biblioteconomia do Paraná” e nesse mesmo ano também foi aprovado o primeiro estatuto, adotando-se a sigla “CABIP”. Em 1966, o CABIP teve sua primeira eleição não obrigatória, com voto secreto.

No ano de 1975, o centro acadêmico (CA) do curso de Biblioteconomia teve uma chapa unificada com o Diretório Acadêmico Anísio Teixeira/DAAT do curso de Pedagogia. Nesse ano eles trabalharam juntos na campanha do agasalho que foram doados para os Albergue de Curitiba e inauguraram o órgão de comunicação de Pedagogia e Biblioteconomia. Em março de 1979 a diretoria do CABIP de comum acordo com o Centro Acadêmico Anísio Teixeira/CAAT<sup>7</sup> resolvem trocar o espaço físico além de separar as duas sedes.

No ano de 1986 os alunos do Curso de Biblioteconomia se reuniram numa comissão pró-centro acadêmico com o objetivo de fundar o Centro Acadêmico de Biblioteconomia e Documentação/CABID, junto com o seu estatuto e dando o prazo de um mês para a formação da chapa e eleição pois durante o período de 1979 até 1986 não houve representantes do CA <sup>8</sup>. Sua primeira eleição ocorreu em abril de 1986. Até o ano de 1989 os estudantes fizeram registros em ata sobre suas atividades no centro acadêmico, o que demonstra ter havido uma efetiva participação.

Sem atividades por alguns anos, o Centro Acadêmico de Biblioteconomia e Documentação/CABID, voltou a fazer parte do Movimento Estudantil em 1995. No ano de 1996 para 1997 o centro acadêmico estava

<sup>6</sup> As informações constantes neste capítulo foram extraídas das atas do centro acadêmico.

<sup>7</sup> Durante esse tempo o DAAT também se transformou em Centro Acadêmico.

<sup>8</sup> Não houve registro que comprovasse a existência de alunos trabalhando dentro do CA.

passando por uma crise, durante a qual apenas um estudante participava como membro ativo do movimento estudantil do centro acadêmico. Em 1997 os alunos se mobilizaram para que o centro acadêmico voltasse a vigorar como um espaço de discussões entre os alunos que tinham idéias para melhorar o Curso. Além disso, foi organizado um espaço onde receberiam informações sobre a situação política do país, a partir do que ampliariam perspectivas de ação.

Com essa nova gestão, o Centro Acadêmico passou a tomar parte do movimento estudantil dentro da Universidade, participando de reuniões, assembléias e congressos. Em 1998, com a criação do Curso de Gestão da Informação, inaugurou-se o novo Centro Acadêmico de Gestão da Informação e Biblioteconomia/CAGIB, porque em 1999 seriam iniciadas as atividades letivas desse novo curso na UFPR. E, a partir desse ano, o Centro Acadêmico tem desenvolvido normalmente suas atividades e continua com representação até hoje, embora a participação do corpo discente seja considerada pouco expressiva do ponto de vista quantitativo. Destaca-se também o periódico Sputnik, uma realização editorial do CA, cujo primeiro número data de novembro de 2000.

## 5 O MOVIMENTO ESTUDANTIL ENTRE OS DISCENTES DOS CURSOS DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO

Para o levantamento da realidade do ME foi preciso reconhecer as universidades e faculdades dos cursos analisados que são os de Biblioteconomia e de Gestão da Informação, bem como os centros e diretórios acadêmicos dessas escolas, conforme observável no QUADRO 1.

Segue abaixo esse levantamento:

QUADRO 1 – DEMONSTRATIVO DOS CURSOS, INSTITUIÇÕES E RESPECTIVOS ÓRGÃOS ESTUDANTIS - 2001

<b>Curso</b>	<b>Universidade e data de inauguração do curso</b>	<b>CA ou DA Ano de inauguração</b>
Biblioteconomia	Universidade do Amazonas / 1966 Manaus / AM	?
Biblioteconomia	Universidade Federal do Maranhão/1969 São Luis / MA	Diretório Acadêmico de Biblioteconomia/ 1980
Biblioteconomia	Universidade Federal do Pará / 1997 Belém / PA	?
Biblioteconomia e Documentação	Universidade Federal da Bahia / 1942 Salvador / BA	Diretório Acadêmico de Arquivologia e Biblioteconomia/ 1964
Biblioteconomia	Universidade Federal do Ceará / ? Fortaleza / CE	?
Biblioteconomia	Universidade Federal do Paraíba / 1969 João Pessoa / PB	Centro Acadêmico de Biblioteconomia/ 1978
Biblioteconomia	Fundação Educacional Comunitária Formiguense / 1963 Formiga / MG	?
Biblioteconomia	Universidade do Rio de Janeiro / 1911 Rio de Janeiro / RJ	?
Biblioteconomia	Universidade Santa Úrsula / 1957 Rio de Janeiro / RJ	Não tem CA ou DA.
Biblioteconomia	Universidade Federal Fluminense / 1963 Niterói / RJ	Diretório Acadêmico de Biblioteconomia e Documentação
Biblioteconomia	Universidade Federal do Espírito Santo / 1974 Vitória / ES	?
Biblioteconomia	Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo / 1940 São Paulo / SP	Centro Acadêmico em preparação

Biblioteconomia	Pontifícia Universidade Católica de Campinas / 1945 Campinas / SP	Diretório Acadêmico Adelfh de Figueiredo
Biblioteconomia	Universidade Federal de Pernambuco / 1950 Recife / PE	?
Biblioteconomia	Universidade Federal do Rio Grande do Norte/1996 Natal / RN	Centro Acadêmico de Biblioteconomia/ 1997
Biblioteconomia	Universidade Federal do Goiás / 1960 Goiana / GO	Centro Acadêmico de Biblioteconomia
Biblioteconomia– Gestão da Informação	Universidade Federal de Minas Gerais/1950 Belo Horizonte / MG	Diretório Acadêmico Lydia Queiroz Sambaquy
Biblioteconomia	Universidade de Brasília / 1961 Brasília / DF	Centro Acadêmico de Biblioteconomia
Biblioteconomia	Universidade Federal de Rio Grande do Sul / 1947 Porto Alegre / RS	Centro de Estudantes de Biblioteconomia/ 1989
Biblioteconomia	Universidade de São Paulo / 1967 São Paulo / SP	Centro Acadêmico Lupe Contrim/ 1996
Biblioteconomia	Faculdades Integradas Teresa D'Ávila / 1976 São Paulo / SP	Diretório Acadêmico de Biblioteconomia
Biblioteconomia	Universidade Estadual Paulista / 1977 Marília / SP	Centro Acadêmico de Biblioteconomia/ 1998
Biblioteconomia	Instituto Educacional Teresa Martins / 1981 São Paulo / SP	?
Biblioteconomia	Universidade Federal de São Carlos / 1994 São Carlos / SP	Centro Acadêmico de Ciência da Informação e Biblioteconomia/ 1995
Biblioteconomia	Universidade Federal de Santa Catarina / 1973 Florianópolis / SC	Centro Acadêmico Livre de Biblioteconomia
Biblioteconomia	Fundação Universidade do Rio Grande / 1975 Rio Grande / RS	Diretório Acadêmico de Biblioteconomia
Biblioteconomia	Universidade Estadual de Londrina/1973 Londrina / PR	Centro Acadêmico de Biblioteconomia
Biblioteconomia – Gestão da Informação	Universidade do Estado de Santa Catarina / 1973 Florianópolis / SC	Diretório Acadêmico Oito de Maio
Ciência da Informação	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais Belo Horizonte / MG	?
Biblioteconomia	Universidade Federal do Mato Grosso Rondonópolis /	?

	MT	
Biblioteconomia	Universidade Federal do Paraná / 1952 Curitiba / PR	Centro Acadêmico de Gestão da Informação e Biblioteconomia/ 1961
Gestão da Informação	Universidade Federal do Paraná / 1999 Curitiba / PR	Centro Acadêmico de Gestão da Informação e Biblioteconomia/ 1961

FONTE: CRB-8 Conselho Regional de Biblioteconomia de São Paulo.

Na área de Biblioteconomia e Gestão da Informação destacam-se os encontros de estudantes nacionais e regionais, uma forma de mobilização acadêmica que tem por objetivo ampliar seus conhecimentos enquanto discentes e discutir questões acadêmicas e políticas. Esses encontros ocorrem anualmente e em lugares pré-determinados.

No período do encontro ocorrem palestras, minicursos, mesas-redondas, grupos de estudos, oficinas e outros eventos. Todo esse movimento é organizado pelos alunos da escola sede<sup>9</sup>. Aproveitando-se o ensejo do Encontro Nacional, ocorrido em Brasília, procedeu-se a distribuição do questionário para realizar este estudo com o propósito de conhecer o ponto de vista dos estudantes em nível nacional, sobre o ME, realizando a comparação entre os estudantes da Universidade Federal do Paraná e de outras IES.

No XXIII ENEBD, Encontro onde foram distribuídos os questionários para analisar as idéias dos estudantes de Biblioteconomia e Gestão da Informação em relação ao movimento estudantil, houve um número muito reduzido de alunos que realmente participaram do Evento. Além disso, dos questionários que foram distribuídos, num total de cento e oitenta (180), apenas dezesseis (16) foram respondidos e entregues, representando diferentes escolas. Com isso, questiona-se se esses estudantes estariam realmente preocupados com sua atuação política e por extensão com a situação dos contextos políticos mais abrangentes. Percebe-se, entretanto, que os estudantes estão conscientes da força do movimento e da situação que estão vivendo. Pela observação participante, a pesquisadora pode afirmar que, apesar de pouco significativa, a participação dos estudantes se verifica em reuniões de grupos de trabalho em que atuam com seriedade. Embora muitos

<sup>9</sup> Escola que está promovendo o Encontro

estudantes iniciem esse tipo de movimento sem levar a sério, no final de sua trajetória estudantil estão mais envolvidos com os problemas políticos do nosso país e da universidade, do que quando entraram.

Os estudantes que responderam os questionários são das seguintes escolas:

- UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
- UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
- UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
- FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
- UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SÃO PAULO
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARAIBA
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Como participantes do encontro, houve representantes de outras escolas, além das citadas acima. Nesses encontros os estudantes têm levado problemas de ordem institucional e acadêmica para serem discutidos, procurando soluções juntamente com outros estudantes de lugares diferentes que poderão ajudar, talvez por já terem passado pela mesma situação ou por terem uma visão diferenciada daqueles que estão envolvidos com o problema. Assim mobilizados, preocupam-se em ampliar a participação nesses encontros para que se renove e fortaleça o movimento.



## 6 O MOVIMENTO ESTUDANTIL NAS REPRESENTAÇÕES DISCENTES

A análise aqui representada corresponde às informações obtidas do corpo discente dos cursos de Biblioteconomia e Gestão da Informação do Brasil, por meio dos questionários, que foram distribuídos num total de trezentos e trinta (330) incluindo o ENEBD, *e-mail* e os alunos da UFPR.

Embora, o perfil dos alunos apresente características diferenciadas dependendo das faixas etárias e do gênero, entre a UFPR e as outras instituições de ensino, predominam os alunos entre 18 e 22 anos (49%) e as mulheres (61%), sendo que na UFPR, essa faixa etária atinge 53% e nas outras instituições chega a 30%, enquanto que o gênero feminino chega a 60% na UFPR e 61% nas outras IES.

É interessante observar também que à faixa etária com mais de 38 anos corresponde apenas a estudantes do gênero feminino, com apenas uma aluna de outras instituições e quatro da UFPR. Isso talvez se deva ao fato de que o homem ingressa mais precocemente no mercado de trabalho, enquanto a mulher algumas vezes se dedica primeiro a construir sua família e cuidar de seus filhos e mais tarde ingressa em estudos superiores.

O ME representa para a maioria dos alunos a *participação ativa dos estudantes na vida social* (26%).

A *participação dos estudantes nas decisões políticas* (23%) é outra forma de representar o movimento estudantil, seguida de outras opções como a que o define *instrumento de luta pela justiça social* (17%), ou como *luta reivindicatória* (15%). Há ainda quem considere o ME como *baderna* (4%).

Outras opções foram pouco citadas, como categorias residuais, atingindo apenas um por cento das respostas dadas, tais como as que o consideram uma forma de *Reciclagem*, *Oportunidade* ou *Experiência*, *Luta de classe*, *Participação ativa*; *Conscientização*; *Vida social*; *Representatividade na profissão* e *Participação acadêmica*; *Tentativa de participação política* ou *Participação na universidade/comunidade*. Está também representada com o mesmo percentual a ausência de julgamento (*Não sei*) e a vantagem do porte da *Carteirinha da UNE*. Há quem julgue o ME *Sem interesse*, do mesmo modo em que outros o consideram um *Movimento revolucionário*. Afirma-se também

que o ME representa uma *Mistura de objetivos* ou que há *Partidos políticos entre os estudantes*.

Os dados revelam principalmente que a expressão quantitativamente mais representativa dos estudantes elabora uma representação positiva do ME, conforme pode ser observado na TABELA 1 com frequência e percentual das respostas obtidas.

TABELA 1 – REPRESENTAÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL PARA OS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO DE IES BRASILEIRAS – 2000-2001

ALTERNATIVAS	ALUNOS				TOTAL
	IES		UFPR		
	FREQ.	%	FREQ.	%	
Participação ativa dos estudantes na vida social	12	26	26	26	38
Luta reivindicatória	06	13	17	17	23
Participação dos estudantes nas decisões políticas	08	17	26	26	34
Instrumento de luta pela justiça social	08	17	17	17	25
Baderna	01	2	06	6	07
Não sei	00	0	01	1	01
Outras	11	23	07	7	18
TOTAL	46	100	100	100	146

FONTE: Pesquisa de campo

A segunda pergunta, *o que a política estudantil representa para você?* foi respondida pela maioria dos estudantes de outras instituições como *estudo de alternativas para o desenvolvimento da sociedade* (48%) enquanto que os alunos da UFPR optaram pela primeira opção, identificando o ME como *ação para modificar ou melhorar o meio onde se vive* (51%), opção que representou a segunda alternativa para os estudantes de outras instituições (38%). Como segunda opção, os alunos da UFPR consideram o ME como *estudo de alternativas para o desenvolvimento da sociedade* (34%).

Outras alternativas foram citadas, como: *expressão da crítica; forma organizada de ser ouvido, e modo de melhorar a qualidade de ensino/social* foram menos representativas (entre 3% a 7%) nas outras universidades,

enquanto na UFPR respostas como: *baderna e não sei* chegaram a 4% dos alunos. Outras respostas indicadas como conceito de política estudantil foram: *não quer dizer nada; conscientização da sociedade; fator educacional; tentativa de melhoria do meio e da sociedade em que vive; regras/normas; melhoria da qualidade de ensino/social; organização do movimento e burocracia; estudo do desenvolvimento no meio estudantil*, tendo um percentual (entre 1% a 3%) das respostas obtidas.

Observa-se que, conforme indicam as pesquisas de opinião, os alunos acreditam principalmente nas possibilidades educacionais do movimento, além de demonstrarem sua crença em que o ME tem potencial para aperfeiçoar a sociedade e o meio onde se vive, como se pode observar na TABELA 2.

TABELA 2 – REPRESENTAÇÃO DA POLITICA ESTUDANTIL PARA OS ALUNOS DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO NAS IES BRASILEIRAS - 2000-2001

ALTERNATIVAS	ALUNOS				TOTAL
	IES		UFPR		
	FREQ.	%	FREQ.	%	
Estudo de alternativas para o desenvolvimento da sociedade	14	48	26	34	40
Uma ação para modificar ou melhorar o meio onde se vive	11	38	39	51	46
Baderna	00	0	03	4	03
Não sei	00	0	03	4	03
Outras	04	13	07	9	11
TOTAL	29	100	77	100	102

FONTE: Pesquisa de campo

A terceira pergunta enfoca a questão relativa à participação do estudante no ME.

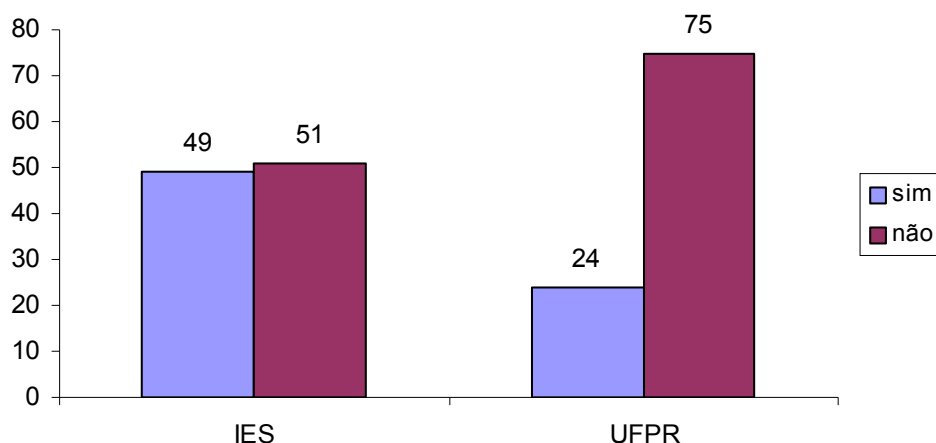
Percebe-se que nas outras instituições todos responderam essa questão sendo que 49% afirmaram participar ou ter participado do movimento, enquanto 51% dizem *nunca ter participado desse tipo de movimento*.

Na UFPR, 75% dos alunos afirmaram *nunca ter participado desse tipo de movimento* e 24% dos mesmos *participam do movimento* ou já *participaram*.

A participação dos estudantes no ME, tanto nas outras instituições de ensino quanto na UFPR, está representada no GRÁFICO 1 a seguir:

GRÁFICO 1 – PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES NO ME – 2000-2001

FONTE: Pesquisa de campo



Como se pode observar, comparando-se a atuação dos estudantes de outras instituições de ensino com os da UFPR, há uma participação muito mais efetiva daqueles.

A questão seguinte, complementando a anterior, pretende identificar a forma de participação no movimento.

Entre as formas de participação, 32% dos estudantes de outras instituições afirmam *fazer parte do centro ou diretório acadêmico*, enquanto na UFPR a maior participação dos alunos no ME foi por meio de *colaboração com idéias e/ou atuação esporádica e participação das eleições para cargos administrativos* (32%), conforme se observa na TABELA 4.

TABELA 4 – FORMA DE PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS DAS IES BRASILEIRAS NO MOVIMENTO ESTUDANTIL - 2000-2001

ALTERNATIVAS	ALUNOS				TOTAL
	IES		UFPR		
	FREQ.	%	FREQ.	%	

Como membro da direção do DCE	01	2	0	0	01
Fazendo parte do centro ou diretório acadêmico	13	32	04	14	17
Participando de assembléias	07	18	04	14	11
Colaborando com idéias e/ou atuação esporádica	07	18	09	32	16
Participando das eleições para cargos administrativos	04	10	09	32	13
Participando como representante do corpo discente e de base	08	20	02	8	10
TOTAL	40	100	28	100	68

FONTE: Pesquisa de campo

Os estudantes de outras universidades dizem participar da seguintes formas no ME: *participação em assembléias; colaborando com idéias e/ou atuação esporádica* (7% dos alunos), ou ainda, *participando como representante do corpo discente e de base* (8%), *participando nas eleições para cargos administrativos* (4%) e *fazendo parte da direção do DCE* (2%).

Na UFPR, a participação dos alunos no ME se realiza por meio da *colaboração com idéias e/ou atuação esporádica e participando das eleições para cargos administrativos* (14%). Participam como *representantes do corpo discente e de base*, dois alunos (8%).

Vale salientar que nenhum dos estudantes da UFPR respondeu positivamente em relação ao seu envolvimento como membro do DCE.

Em relação à questão sobre o que significa o *Centro ou o Diretório Acadêmico*, para 57% dos estudantes das outras universidades o centro acadêmico é um lugar onde se devem fazer *reuniões em prol de interesses dos estudantes*. A mesma posição adotam 51% dos alunos da UFPR.

Entre as outras alternativas, sobre o que significa o local, ainda se podem destacar as opiniões de que é um lugar para *lazer ou atividade cultural; para reflexão sobre questões curriculares; para não fazer nada; para estabelecer o contato do aluno com a direção; para o surgimento de idéias de alunos nos congressos; como fomentador e construtor do desenvolvimento e crítica social ou para incentivar a revolução*.

TABELA 5 – SIGNIFICADO DO CENTRO OU DIRETÓRIO ACADÊMICO PARA OS ESTUDANTES DAS IES BRASILEIRAS - 2000-2001

ALTERNATIVAS	ALUNOS				TOTAL
	IES		UFPR		
	FREQ.	%	FREQ.	%	
Reunião em prol de interesses dos estudantes	36	57	56	51	01
Reflexões sobre questões curriculares	09	14	19	18	17
Lazer ou atividade cultural	11	18	22	20	11
Não fazer nada	02	3	05	5	16
Outras alternativas	05	8	06	6	13
TOTAL	63	100	108	100	68

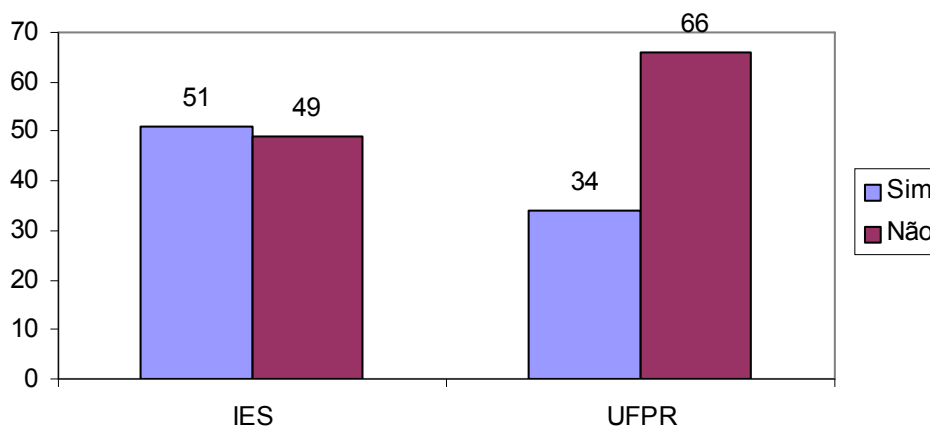
FONTE: Pesquisa de campo

A seguir pergunta-se ao estudante se ele *já fez parte de algum Grêmio, Centro ou Diretório Acadêmico*.

Entre os estudantes da UFPR, 66% nunca participaram desse tipo de entidade, enquanto nas outras instituições o percentual cai para 49%.

Novamente, como ocorreu em relação à questão sobre a frequência dos alunos no ME, os estudantes da UFPR tem participação menos expressiva nos centros ou diretórios do que os estudantes das outras IES (GRÁFICO 2).

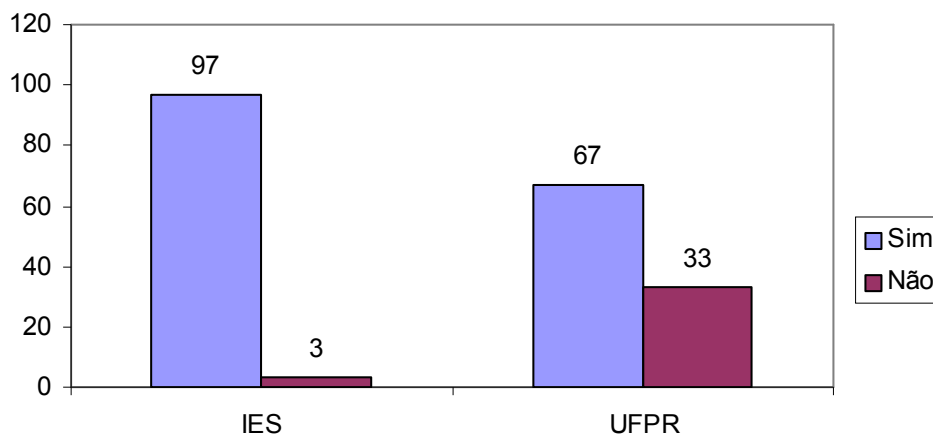
GRÁFICO 2 - ESTUDANTES QUE JÁ FIZERAM PARTE DE GRÊMIO, CENTRO OU DIRETÓRIO ACADÊMICO – 2000-2001



FONTE: Pesquisa de campo

Percebe-se também que o envolvimento e a atuação desses estudantes em relação a essas entidades são restritos, embora a credibilidade no ME conte com a grande maioria dos que responderam os questionários, conforme dados do GRÁFICO 3.

GRÁFICO 3 - CREDIBILIDADE DOS ESTUDANTES NO MOVIMENTO ESTUDANTIL – 2000-2001.



FONTE: Pesquisa de campo

Enquanto na UFPR 67% dos estudantes acreditam no ME, nas outras instituições a credibilidade é representado por 97% deles. Entre os que responderam a essa questão na UFPR, 49% são as mulheres e 34% são homens.

Apesar das mulheres não participarem tão ativamente do movimento, dentro de grêmio, centro ou diretório acadêmico, entre elas a credibilidade nesse tipo de movimento é de 87%.

TABELA 6 - JUSTIFICATIVAS PARA A CREDIBILIDADE NO ME – 2000-2001

ALTERNATIVAS	ALUNOS				TOTAL
	IES		UFPR		
	FREQ.	%	FREQ.	%	
Reivindicações dos direitos	16	35	04	5	20
Melhoria da sociedade, universidade e na convivência	04	9	0	0	04
Objetivo comum/ igualdade social	04	9	04	5	08
Atender as necessidades estudantis	03	6	05	7	08
Manipulação, interesses próprios	0	0	08	11	08
Mudanças significativas	0	0	04	5	04
Outras	19	41	50	67	69
Total	46	100	75	100	121

FONTE: Pesquisa de campo.

Entre os discentes das IES que afirmam acreditar no ME, 35% justificaram por ser *uma forma de reivindicações dos direitos*, pois acreditam que se unindo a tipo de movimento terão muito mais força para lutar. Alguns estudantes afirmam que o ME luta pela *melhoria da universidade na sociedade e facilita a convivência* no meio acadêmico (9%). Acredita-se também que o movimento leva os estudantes a aprenderem a conviver em grupos com pessoas de idéias diferentes mas que tem um *objetivo comum*, representado pela *igualdade social* (9%). Há ainda acadêmicos que afirmam acreditar que o movimento pode ser a *transformação da estrutura de ensino* além de *atender as necessidades estudantis* (6%).

Para menos de 2% dos estudantes que acreditam no ME, ele representa uma forma de *lutar por um ideal*. Outros evocam o movimento por causa do



*passado*, e as suas *conquistas*, tais como a criação do CPC pela UNE com grupos compostos por artistas, estudantes e intelectuais pretendendo trazer para a sociedade uma “Conscientização em massa” e utilizando as diversas formas da arte.

Há os que afirmam acreditar no movimento *quando há seriedade*, argumentando que uma “união não tem futuro se levada por manipulações ou interesses alheios”. Acredita-se também, que o ME *representa exatamente a união de uma parte da sociedade a participação do povo para revolucionar a sociedade*, como as ligas camponesas (2%).

Os membros do corpo discente que não acreditam no ME afirmam que esses estudantes têm *imagens distorcidas* do que realmente é o ME. Há também os que acreditam nos estudantes atualmente envolvidos com o ME *não conhecem seu significado político* ou lhes *falta força e consciência política*. Outros estudantes além de não acreditarem no movimento, afirmam que suas manifestações *estão mais para baderna*, acatando, portanto, uma das frases do presidente Fernando Henrique CARDOSO: “a sociedade brasileira exige um basta a esse clima de baderna” e a acusação de uma parcela da sociedade de São Paulo contra esses jovens quando se reuniram nas ruas para o *Impeachment* do prefeito Celso Pitta.

Na UFPR, as mesmas justificativas predominam entre as respostas favoráveis e não favoráveis ao ME. Esses estudantes afirmam existir *Manipulação* dos estudantes que estão nele envolvidos, ou que tentam resolver problemas relativos aos seus *interesses próprios* (11%).

Analisando os estudantes que acreditam no ME, 7% disseram que ele procura *Atender as necessidades estudantis*. Tais necessidades relacionam-se a problemas dentro da universidade com os próprios estudantes, ou desafios como ações para evitar a privatização da educação, resolver problemas de estudantes que podem jubilar, revisões de provas entre outras questões diretamente legadas a ele.

Outros estudantes, num total de 5%, responderam que o ME é a expressão das *Reivindicações dos direitos*, com o mesmo sentido da análise anterior, junto com respostas como *Objetivo comum/igualdade social; Mudanças significativas na vida estudantil; Melhoria da sociedade, da*

*universidade e na convivência.* Mais uma vez, reforça a idéia de sua importância *quando há seriedade.*

Afirmações sobre a credibilidade do ME com menos de 2% entre os estudantes, representam-no como uma forma de *transformação da estrutura do ensino*, oportunidade de revisão de currículos e formas de avaliações. Outros afirmam que o ME é expressão de *conscientização social*, ou de grupos que *lutam por um ideal*. Essa crença tem sido concretizada em opções sociais como a do estudante de segundo grau que ajuda crianças de creche das vilas pobres e violentas da cidade de Porto Alegre, uma das formas de manifestação dos jovens batalhando por ideais.

Há respostas também como: *a união faz a força; algum dia os objetivos ficarão claros e os resultados efetivos.*

Alguns estudantes da UFPR afirmam acreditar no movimento pelo seu *passado e pelas conquistas*, embora as reivindicações tenham sido abafadas com o golpe militar de 1964. Recordam também que o florescimento cultural passou a ser ameaçado, até a instauração da censura rígida, quando do AI-5.

Outros responderam ser a *participação e mobilização dessa categoria*, especialmente dos estudantes do curso de Gestão da Informação e Biblioteconomia importantes para a melhoria do curso e a valorização no mercado de trabalho.

A importância do grupo foi ressaltada como fundamental às *decisões da sociedade*, porque em grupo os resultados são mais efetivos. Esse é um dos motivos que levaram os estudantes a acreditarem no ME. Outros afirmam a *vontade e mentalidade dos estudantes* em querer melhorar o meio onde vivem poderá ressaltar em benefício para a sociedade. Argumentam também que *sem o ME na Universidade, a sociedade entrará em processo de alienação*. Complementam-se junto ao pensamento a necessidade da união: *quando há união, há transformação* para mudar essa sociedade que está tão desamparada pelo governo tão corrupto que estamos precisando atualmente.

A respeito da mobilização, afirmam-se que ele *representa exatamente a união de uma parte da sociedade* e que *a partir das manifestações, pode-se alcançar ideais*, como foi feito na época do regime militar, quando os estudantes e grupos de sindicatos e outras organizações políticas tentaram alcançar seus objetivos.

O ME foi considerado uma *união de pessoas* que lhes possibilita ampliação da capacidade *crítica e consciência social*. Analisando a situação que a sociedade está vivendo e tendo argumentos para lutar contra essa desigualdade, os estudantes podem colaborar para a *participação do povo com vistas a revolucionar a sociedade*.

Todas essas afirmações, diretas e indiretamente coincidem com a idéia de que para que o ME tenha mais força, tem de haver o *apoio de todo os envolvidos*. Se entre os estudantes envolvidos não houver a cumplicidade necessária, o movimento perde o sentido e a representação contra os desacertos do governo, em qualquer sociedade que utiliza os mais fracos para seus próprios benefícios. Entre as afirmações dos estudantes, uma expressa o teor do pensamento da maioria dos alunos: *enquanto há luta, há modificações*.

Os estudantes que não acreditam no ME justificam sua descrença pela *falta de força política ou de consciência política* (4%).

Entre os acadêmicos (menos de 2%) que não acreditam no ME, apresentam-se como justificativa o fato de que nem todos que participam do ME visam *melhorar a sociedade onde estão vivendo*, mas seus interesses próprios. Afirmou-se que os estudantes *estão mais para baderna e nunca fazem nada direito*. Para esses estudantes *há falta de pessoas com caráter para modificar*. Houve discentes afirmando que os estudantes envolvidos no ME devem ser *menos politiqueros*. Essas opiniões, embora quantitativamente inexpressivas, coincidem com algumas análises da imprensa periódica que afirmam terem as entidades estudantis sofrido uma crise de representatividade ou de terem sido engolidas por partidos de esquerda. Alguns acadêmicos não acreditam no movimento porque existem estudantes que apresentam *imagens distorcidas* do ME, outros não acreditam porque os envolvidos *não conhecem o real significado político do ME*, acreditando que sua existência se justifica apenas para fazer as carteirinhas de meia-entrada. Ainda denunciam uma *falta de clareza nos objetivos, a falta de evolução* ou o não atendimento às *necessidades* de melhoria da sociedade.

Argumenta-se que a falta da credibilidade vem do envolvimento com *partidos políticos*. Pode-se interpretar essa descrença dos acadêmicos como reação ao que se noticia pela imprensa sobre a política. A prática política tem sido identificada com o envolvimento de pessoas corruptas e de mal caráter.

Há alunos que perderam *o convencimento*, pela falta da crença nas pessoas, enquanto outros argumentam que as *mudanças culturais* contribuíram para sua descrença no ME. Outros estudantes afirmam que a *falta de iniciativa e corporativismo* estão levando as pessoas a não acreditar no ME, e que entre os estudantes engajados *faltam embasamentos concretos/idéias próprias*. A *falta de divulgação* do movimento é uma das críticas dos estudantes. Há também os que acreditam já ter *passado o tempo em que os estudantes tinham voz* e que não existe mais um movimento *forte e atuante* para fazer esses acadêmicos voltarem a acreditar *nas suas próprias potencialidade*. Uma questão específica dos estudantes da UFPR levanta a necessidade de *uma gestão que revolucionaria o conceito atual do CA*. Acredita-se também que *nem todos os alunos são ativos e/ou querem se envolver* com esse tipo de movimento.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse estudo pode-se considerar que o ME é um tipo de movimento social cujas origens tanto podem representar preocupações com problemas locais, visando a uma solução imediata, quanto com questões mais amplas, relativas a problemas nacionais ou internacionais, preservando-se o sentimento formador da solidariedade. O ME não se caracteriza apenas pelo envolvimento dos alunos com problemas acadêmicos, mas pode também ser uma forma de protesto para a melhoria da sociedade.

Entre os acadêmicos aqui analisados, ressalta-se a questão de que a participação dos estudantes deve ser ativa na vida social (26%) e acrescenta-se também que o ME é um instrumento de luta pela justiça social.

Como o ME é criado pela união de pessoas que têm objetivos comuns mas com idéias diferentes, a política estudantil foi considerada a forma de controlar todas as propostas oferecidas pelo grupo para poder chegar a uma solução trazendo aos integrantes a satisfação de resultados bem sucedidos em relação a determinados problemas ou ao desenvolvimento social ou estudantil.

Os estudantes confirmam essas idéias com as respostas obtidas de que a política estudantil é um estudo de alternativas para o desenvolvimento da sociedade (39%).

Apesar da fraca participação dos alunos da UFPR como membros do ME, eles acreditam no movimento, mas criticam alguns colegas envolvidos por tentarem manipular em direção aos interesses próprios. Além disso, tanto estudantes de outras IES quanto locais, acreditam que o ME deve atender as necessidades estudantis. Para os acadêmicos das outras IES, que também acreditam no ME e possuem uma representação mais significativa, este é uma forma de poder reivindicar os direitos coletivos. Seguindo essa análise, os estudantes argumentam que é uma forma de lutar pela igualdade social do nosso país e da nossa classe, motivo que gerou o ME.

A história e a determinação dos que participaram desse movimento motivaram a continuação da luta, porém esse resgate é pouco explorado.

Os estudantes que hoje ingressam no meio acadêmico o fazem por benefício próprio, em busca de uma promoção pessoal e não mais se preocupam com questões sociais.

O perfil desses acadêmicos difere daqueles que iniciaram o movimento, cuja crença na melhoria da situação política-econômica-social os motivaram a lutar por seus direitos.

Na área de Biblioteconomia e Gestão da Informação, especificamente, o ME vem se apresentando de forma decrescente. Iniciou com fortes apelos políticos mas hoje é pouco expressivo devido, em parte, à falta de participação dos acadêmicos nesse tipo de movimento.

Na UFPR esses estudantes contribuem apenas com idéias, opiniões e participação nas eleições de diretoria, não havendo um engajamento mais específico.

Embora os estudantes acreditem no ME, eles criticam a forma como está sendo conduzido, ressaltando a manipulação em prol de interesses próprios e apontando para diversos problemas que os impedem de participar nesse tipo de movimento.

A contribuição aqui registrada revela uma parcela pouco expressiva quantitativamente, mas sinaliza para muitos aspectos que poderão ser mais explorados em outros estudos.

## REFERÊNCIAS

- ANÔNIMO. **O que é CPC da UNE**. Rio de Janeiro: texto mimeografado, arquivo Funarte, [s.d.].
- BOAL, Julián. **As imagens de um teatro popular**. São Paulo: Hucitec, 2000.
- BUFREM, L. S. **A importância do movimento estudantil na vida profissional**, III Encontro Regional de Estudantes de Biblioteconomia e Documentação - Sul. Curitiba, dez 1998
- CENTRO Acadêmico de Biblioteconomia e Documentação, Curitiba. **Ata de fundação de Centro Acadêmico de Biblioteconomia e Documentação**. Livro n.º 1, p. 1-15. 1987-1989.
- CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade reformanda: o golpe de 1964 e a modernização do ensino superior**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- CURSOS DE GRADUAÇÃO**. Escolas – Graduação – CRB8. Disponível em: <<http://www.crb8.org.br/graduação.html>> Acesso em 30 de mar. 2001.
- DIRETÓRIO Acadêmico de Biblioteconomia do Paraná, Curitiba. **Ata de fundação do Diretório Acadêmico de Biblioteconomia do Paraná**. Livro n.º 1, p. 1-19. 1961-1965.
- FIGUEIREDO, Nice. **O ensino de biblioteconomia no Brasil: relatório de equipe de pesquisa sobre o *status quo* das escolas de biblioteconomia e documentação, com ênfase na situação do pessoal docente**. Brasília: CAPES, 1978.
- GANCIA, Barbara. Estudantes fazem o que adultos deveriam fazer. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 31 mar. 2000.
- GARÇONI, Ines. A vez da classe média, **Isto É**. São Paulo, n. 1599, p. 41, maio 2000.
- KAUCHAKJE, Samira. **A academia e o cenário social brasileiro: teses e dissertações sobre movimentos sociais produzidas na usp e na unicamp entre 1970 e 1995**. Campinas [s. d.]. Disponível em: <[www.ces.fe.uc.pt/coloquio/cidadania/Samira.html](http://www.ces.fe.uc.pt/coloquio/cidadania/Samira.html)> Acesso em 12 mar. 2001.
- LAGRASTA NETTO, Caetano. Direitos respeitados, **Jornal Folha de São Paulo**, 01 abr. 2000. Coluna do leitor.
- MARTINS FILHO, João Roberto. **Movimento estudantil e ditadura militar 1964-1968**. Campinas: Papyrus, 1987.
- MARTINS, Carlos Estevam. **História do CPC: em arte em revista**. São Paulo: Kairós-CEAC, 1980.
- MENA, Fernanda, De volta às ruas. **Folha de São Paulo**, 04 jun. 2001. Folhateen, p. 6.
- MÚSICA. **1967 os primeiros discos de Gil e Caê**. Disponível em: <[www.colband.com.br/ativ/nete/cida/arte/musi/2h23mu/index.htm](http://www.colband.com.br/ativ/nete/cida/arte/musi/2h23mu/index.htm)> Acesso em 08 mar. 2001.

PRIMEIRA PÁGINA. Congresso da UNE: todos presos, **Folha de São Paulo**, 5.ed. São Paulo: Publifolha, 2000, p. 112.

RIDENTI, Marcelo. 500 ANOS de Brasil, **D. O. leitura**. Caderno paulista – 12, São Paulo, v. 18, n. 4,p. 1-8, abr. 2000.

RODRIGUES, Danilo Pitarello. **Caeco 15 anos**: Contribuição às discussões do Congresso da União Estadual dos Estudantes de São Paulo, União Nacional dos Estudantes, Encontro Nacional de Estudantes de Economia. Campinas, 1999. Disponível em: <[www.eco.unicamp.br/associacao/caeco/index2.html](http://www.eco.unicamp.br/associacao/caeco/index2.html)> Acesso em 13 mar. 2001.

ROJAS, Niurka Perez. **El movimiento estudiantil universitario de 1934 a 1940**. La Habana: Nuestra Historia, 1975.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **Movimento estudantil em biblioteconomia**: um olhar sobre a UFSC ou a importância do movimento estudantil para a formação profissional. Florianópolis, 1998. Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br/bibliote/encontro/eb6art5.html>>. Acesso em: 13 mar. 2000.

VALLE, Maria Ribeiro. **1968 o diálogo é a violência**: movimento estudantil e ditadura militar no Brasil. Campinas: Editora Unicamp, 1999.

VANNUCHI, Camilo; CARUSO, Marina. Os novos companheiros, **Isto É**. São Paulo, n. 1601, p. 71-72, jun.2000.



## **ANEXOS**

Anexo 1 – Questionário aplicado

Anexo 2 – Carta de agradecimento

Sexo ( ) F ( ) M

## QUESTIONÁRIO

Idade: \_\_\_\_\_

Curso: Biblioteconomia ( )

Gestão da Informação ( )

Instituição: \_\_\_\_\_

Período: \_\_\_\_\_

Ano: \_\_\_\_\_

1) O que o movimento estudantil representa para você?

- ( ) participação ativa dos estudantes na vida social
- ( ) luta reivindicatória
- ( ) participação dos estudantes nas decisões políticas
- ( ) instrumento de luta pela justiça social
- ( ) baderna
- ( ) não sei
- ( ) outras alternativas: \_\_\_\_\_

2) O que a política estudantil representa para você?

- ( ) estudo de alternativas para o desenvolvimento da sociedade
- ( ) uma ação para modificar ou melhorar o meio onde se vive
- ( ) baderna
- ( ) não sei
- ( ) outras alternativas: \_\_\_\_\_

3) Você participa do Movimento Estudantil?

- ( ) sim
- ( ) não

4) Se sim, como participa?

- ( ) como membro da direção do DCE
- ( ) fazendo parte do Centro ou Diretório Acadêmico
- ( ) participando de assembleias
- ( ) colaborando com idéias e/ou atuação esporádica
- ( ) participando de eleições para cargos administrativos
- ( ) participando como representante do corpo discente e de base

5) O Centro ou o Diretório Acadêmico significa um local para:

- ( ) reuniões em prol de interesses dos estudantes
- ( ) reflexão sobre questões curriculares
- ( ) lazer ou atividades culturais
- ( ) não fazer nada
- ( ) outras alternativas: \_\_\_\_\_

6) Você já fez parte de algum Grêmio, Centro ou Diretório Acadêmico?

- ( ) sim
- ( ) não

7) Você acredita nesse tipo de movimento? Por que?

Prezados colegas,

Peço sua atenção e especial favor no sentido de responder ao questionário em anexo, cujo o propósito é coletar dados para minha monografia de conclusão do curso, cujo o tema é a participação discente no movimento estudantil.

Favor que seja respondido com a maior sinceridade possível.

Atenciosamente.

Simone Cardoso de Moraes